



PAULISTA



CANTINHO DA RECORDAÇÃO



Vemos ao alto o famoso time do CA Paulistano (o S. Paulo FC é o seu sucessor no futebol) que em 1925, numa excursão levada a efeito no Velho Mundo encantou os europeus. Dentre outros vemos o famoso Arthur Friendereich que é o comandante de ataque

PAULISTÃO

São Paulo — Ano 1 — N° 8 — 1980

Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização n. 01/00/011/79

Secretaria da Receita Federal

Processo do Ministério da Fazenda

n. 0168-51.372/79

DIRETOR RESPONSÁVEL

WALTER LACERDA

COLABORADORES

Oscar Hamleto Meliante

Oswaldo Bentini

Severino Pereira Junior

Mario Andrade

Levi Silva

Mariovaldo Souza Mineiro

REDAÇÃO

Praça Roberto Gomes Pedroza 8 - Morumbi - São Paulo



Na foto ao alto um dos maiores zagueiros que o Brasil já teve: Mauro Ramos de Oliveira que foi do São Paulo e Santos e campeão do Mundo, sendo suplente na Suécia e Titular em 1962, no Chile. Exerceu a profissão de técnico durante algum tempo e agora Mauro deixou definitivamente a profissão dedicando-se ao ramo imobiliário

NOME E "PINTA" DE CRAQUE: ZIZINHO



Zizinho, o garoto que surgiu nas fileiras inferiores do tricolor do Morumbi que tem nome e «pinta» de craque. Nas partidas que realizou em defesa do São Paulo, provou que seu futebol é de grande categoria e que, se souber confirmar no futuro essas virtudes, poderá ganhar o estrelato

Sómente aqueles que acompanham de perto o futebol do São Paulo, podem identificar-se com um «garoto» que surgiu nas fileiras do juvenil do «Mais Querido» e que, tal como o nome do velho e grande craque que também defendeu o São Paulo, hoje «pinta» como um valor dos melhores. Possui apenas 17 anos e começou a projetar-se nas quadras de futebol de salão (tal como Rivelino), defendendo as cores do Banespa. Um elemento, cuja posição tem um verdadeiro ídolo no tricolor: Renato. Todavia, pela facilidade de jogo que possui, com suas fintas curtas e desconcertantes (próprias daqueles que praticam o futebol de salão), acabou sendo utilizado até mesmo na ponta esquerda, em substituição a Zé Sérgio, saindo-se muito bem.

No começo deu alguns «problemas» para a direção técnica do tricolor, pois pela sua excelente forma de jogar, era sempre «lançado» para os cotejos importantes do futebol de salão, onde alguns prêmios chegam a ser elevados. Sentindo que ali estava um diamante para ser lapidado e que merecia a oportunidade para se profissionalizar, no começo do ano firmou contrato com o tricolor.

Ainda assim, depois de algum tempo deu outros contratemplos com «sumidas» que um profissional de maneira alguma pode cometer. Na conversa franca mantida com o atleta, o presidente Antônio Leme Nunes Galvão; o diretor de futebol José Douglas Dalora e o técnico Carlos Alberto Silva fizeram Zizinho sentir que o profissionalismo, profissão que adotara, iria exigir enormes sacrifícios e que, por isso mesmo, tinha que se dedicar de maneira mais intensa à sua carreira.

Inclusive o técnico Carlos Alberto Silva prometeu a Zizinho uma oportunidade quando o instante chegasse e que, nos momentos necessários seria colocado no «banco» para ganhar um pouco mais e melhorar suas condições de vida. Isso serviu para mudar inteiramente a forma de pensar do garoto Zizinho que no dia em que foi chamado a estar em ação no time principal, pela primeira vez, o fez de maneira convincente.

Foi contra o Ceará, dentro da «Taça de Ouro», onde além de fazer um grande gol, também realizou uma jogada espetacular para que Serginho, o grande centro-avante são-paulino, pudesse fazer o seu. De lá para cá os elogios ao futebol de Zizinho partiram de todos os críticos de renome do Estado e o atleta, mesmo sem ter tido a chance que vinha pedindo no time de cima, em virtude da extraordinária «performance» cumprida pelo meia Renato ou Serginho e ainda Zé Sérgio, vinha provando o seu valor nos coletivos do São Paulo, onde via de regra, sabia comandar os seus companheiros a alguns triunfos sobre os efetivos.



O técnico do São Paulo, Carlos Alberto Silva, acha que Zizinho é um garoto que promete bastante e que possui bom futebol. Mas um atleta para «chegar lá» nem sempre apenas depende do treinador. Ao lado do preparador do «Mais Querido» o arqueiro Toinho

Na recente convocação feita pelo técnico Telê Santana, para a Seleção Brasileira, o jogador Renato foi um dos chamados. E, Zizinho acabou encontrando a sua grande chance de jogar no time de cima do tricolor e ter oportunidade de mostrar todo o seu excelente futebol.

Depois de seus primeiros jogos, os críticos especializados de São Paulo, sentiram ainda mais que ali se encontra um verdadeiro craque. Mário Moraes, do jornal «POPULAR DA TARDE» escreveu a respeito:

Trata-se, sem dúvida, de um valor de primeira linha que tem nome e pinta de craque. Se não vier a se mascarar e continuar jogando o que pode e sabe terá futuro garantido não só no cenário esportivo do futebol de São Paulo, como também na própria Seleção Brasileira.

Infelizmente, o técnico Telê Santana não teve chance de vê-lo em ação, pois se isto tivesse ocorrido, por certo Zizinho teria sido um dos convocados para a seleção brasileira que esteve em Toulon, no torneio internacional que marcou o reinício das atividades brasileiras nos confrontos internacionais.

Quanto ao técnico Carlos Alberto, que já teve sob seu comando alguns juvenis que se revelaram de maneira extraordinária como Careca, o próprio

Renato e outros «meninos», quando era o preparador do Guarani, comentou:

— Muitas vezes independe do técnico a evolução de um atleta. Nossa preocupação é sempre uma: a de procurar corrigir os erros de origem que um jogador possa ter. Desde que este não sinta o sucesso subir à cabeça e saiba ter um comportamento dos melhores fora das quatro linhas, o que é muito importante na carreira de um profissional, não tenho a menor sombra de dúvida em afirmar que o garoto Zizinho poderá ir longe. Mas tudo vai depender mais dele do que do técnico.

O presidente do São Paulo, dr. Antônio Leme Nunes Galvão, comentou:

— Na verdade, existem alguns períodos que o São Paulo — por tradição — sempre consegue revelar grandes valores. Isto aconteceu num passado distante e também recente. Agora, no presente temos Zizinho. Na verdade, após assinatura do seu contrato como profissional, quando ele começou a faltar durante alguns dias aos treinos, disse-lhe que um atleta profissional precisava pensar bastante no seu futuro. Se ele tivesse firmado o seu primeiro contrato como profissional e não pretendesse mais continuar a carreira de jogador, seríamos os primeiros a dar-lhe inteira liberdade. Todavia, toda a chance que ele pu-

desse merecer, teria por parte da direção do São Paulo FC. Acho que temos cumprido nossa parte e agora vai depender, pura e simplesmente desse extraordinário futebolista, ganhar a projeção que merece no cenário esportivo paulista e brasileiro.

Zizinho, um garoto que fala mais com os pés do que com a boca, pois maneja o couro com facilidade espantosa, gostou da maneira como o São Paulo o tratou e da franqueza do presidente Galvão, do então diretor de futebol José Douglas Dalora e, ainda, do técnico Carlos Alberto.

— Sabe de uma coisa, na verdade o futebol de salão me seduzia. Por vários motivos. Não só pela facilidade para desenvolver o meu futebol, como também pela maneira como chegava facilmente ao arco adversário. Há menos maldade e muito mais ação. Exige raciocínio bastante rápido do atleta. Já fui aconselhado por todos e acho que vou responder da melhor maneira que sei, lá dentro do campo.

Zizinho garantiu que saberá aproveitar, agarrar com unhas e dentes a oportunidade que lhe foi dada e desde que consiga firmar-se no time, por uns quatro ou cinco jogos seguidos, tem a certeza, quase convicção, de que acabará tendo a torcida do seu lado.

— Não sou nenhum Sócrates e nem tampouco me considero um Zico. Gosto da maneira de Renato jogar e acho que, na posição, nomento, o Brasil está muito bem servido, pois todos eles são craques de bola. Todavia, vou aproveitar tudo o que aprendi para poder mostrar à torcida e ser um elemento útil ao São Paulo. Não sei se ganharei o posto de titular ainda neste ano de 1980. Mas, de 81 em diante, estarei pronto para figurar no elenco de maneira definitiva.

Zizinho - Geraldo Francisco dos Santos - pela versatilidade do seu futebol, atua de maneira indistinta como meia de ligação, ponta de lança ou até mesmo na canhota, pois chuta (e bem) com os dois pés. Rápido e inteligente, tem condições para vencer no São Paulo e no próprio futebol brasileiro. Tudo depende dele.



José Douglas Dalora também confia no futebol do garoto Zizinho



O presidente do São Paulo FC (reeleito), Antônio Leme Nunes Galvão, confia plenamente no futebol do garoto Zizinho e diz que é um valor de grande futuro

FLAMENGO, O "TIME DE OURO"



Eis o time de «Ouro»: Flamengo. Campeão da primeira taça instituída pela nova Confederação Brasileira de Futebol, cujo final apoteótico foi comemorado por torcedores rubronegros em todo o País

Com mais de cento e cinquenta mil pessoas reunidas no Maracanã, gritando «Mengo, Mengo, Mengo», contra umas cinco mil almas que torciam para o Atlético Mineiro e viam o grito de «Galo, Galo, Galo», sufocada pela esmagadora maioria dos torcedores do rubronegro da Gávea, a pergunta ficou no ar, antes de ser iniciada a contenda: «Teremos neste dia primeiro de junho, a repetição daquele famoso 16 de julho?» A pergunta era feita pelos «neutros», lembrando que em 1950, naquela data de 16 de julho, 200 mil vezes tornaram-se mudas, diante do título de campeão mundial de futebol, que o XI do Brasil, deixava escapar, de maneira «incômoda», para a famosa «Celeste Olímpica», com Obdúlio Varela comandando o time do Uruguai a uma grande conquista.

Isso porque o cenário da grande luta; o palco para a grande festa; as comemorações para um sensacional triúnfo, estavam preparados e, inclusive, a confiança do presidente do Flamengo, sr. Márcio Braga era transmitida aos torcedores em geral. O adversário (Atlético, de Minas Gerais), era no entanto um quadro de respeito. alinhava em suas fileiras, valores de indiscutível capacidade técnica. Homens tarimbados. Figuras que, como Chicão lembrando o famoso Obdúlio Varela, não iriam se atemorizar pelo grito de «Mengo, Mengo, Mengo»...

Toninho Cerezzo, Palhinha, Éder, enfim, um punhado de bons elementos, para não se falar no extraordinário arqueiro João Leite, lá estavam para fazer com que a grande festa que estava sendo preparada, não pudesse ser feita pela torcida do rubronegro.

Contrariando o que pensava o presidente do Flamengo, o dirigente máximo do «Galo», já havia fretado um avião e nem queria que os seus atletas trocassem de roupa nos vestiários no Maracanã, para se deslocar imediatamente para Belo Horizonte, onde no Aeroporto de Pampulha, a multidão já estaria à espera dos novos campeões do Brasil.

E, na verdade, a partida só foi decidida no instante em que o sr. José Assis de Aragão apontou para o centro do campo encerrando o encontro. Pois até o derradeiro momento a torcida rubronegra ficou com o coração nas mãos, e o fato de quatro ou cinco torcedores terem desmaiado quando Éder prosseguiu sozinho pelo campo adversário em busca do gol, que seria e do empate e que daria, conseqüentemente, o título ao Atlético, os torcedores sentiram o frio percorrer na espinha. E, se no primeiro jogo, no derradeiro lance do encontro Raul fez uma defesa que poderia garantir (como garantiu) o título, evitando o segundo gol do Atlético, na última partida da decisão da Taça de Ouro, o guardião

que foi do Cruzeiro e dali saiu como um «jogador acabado», também contribuiu de maneira enorme para a grande conquista do Flamengo.

Uma equipe que manteve impressionante regularidade em todo o campeonato. O que Cláudio Coutinho, não conseguiu na Seleção Brasileira, durante a Copa do Mundo, da Argentina, ele logrou realizar com o time do Flamengo. Um quadro jovem, homogêneo, entusiasta, valente e, acima de tudo, raçudo. O pretendido «overlapping» da seleção brasileira, foi realizado com prodigioso arranque, do lateral Carlos Alberto, quando o Curitiba, em pleno Maracanã, ameaçou destronar o «Mengo» da final. Valores como Andrade, Júnior, Zico, Anselmo, Tita, Adílio, Carlos Alberto, Rondinelli, Júlio César e alguns outros, saídos dos quadros inferiores do clube da Gávea, mostraram a gama que um campeão precisa ter.

Embora não tendo Rondinelli, a sua coluna mestra na extrema defesa, lá colocou Manguito, um negrinho alto e espigado, que soube dar conta do recado ao lado de Marinho. Com Júnior e Júlio César confundindo-se como defensor e atacante e o meio de campo com o «velho» Carpegiani a realizar com maestria um trabalho soberano, soube revezar-se da melhor maneira possível, para confundir o trabalho do meio de campo do «Galo», uma peça de fundamental importância para o clube das Alterosas e que alinhava três valores de indiscutível categoria e capacidade como: Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha. Um time que recebeu duas duchas frias quando sua torcida começava a esquentar o ambiente, nos instantes em que fez 1 a 0 e depois 2 a 1. Nem mesmo com os 3 a 2, que garantiram a Taça de Ouro para o Flamengo, no certame brasileiro de 1980, deixaram a torcida rubronegra tranqüila e confiante.

Quando, porém, o apitador do encontro encerrou a partida, o povo não agüentou. Flamenguistas, de todas as partes do país, saíram às ruas para comemorar o

grande acontecimento. Isso porque o time estava dando razão à sua alegria e aquele sufoco que parecia minar toda a festa que havia sido preparada.

Na verdade o Flamengo soube ser o melhor. Embora (com alguns senões quanto à arbitragem do sr. José Assis de Aragão), tivesse lutado em sua casa, para chegar ao triúfno, a verdade é que seus defensores souberam lutar com extrema valentia para colocar as mãos na «Taça de Ouro». Ninguém esquecerá, facilmente o fantástico gol de Nunes, numa arrancada pessoal para fazer estremecer todo o gigante de cimento armado. Poucos esquecerão aquela finta sutil e o poderoso arremate do goleador rubronegro que, fora do país, quando foi vendido pelo Fluminense para o futebol mexicano, lá não soube confirmar nenhuma de suas virtudes.

Foi na sua volta (ao lado desse extraordinário Zico), que alcançou a consagração e acabou dando ao Flamengo este título que dificilmente será esquecido, pois ele não foi visto apenas por 150 mil almas que lá estavam lotando o maior estádio de futebol do mundo. Acabou sendo presenciado por mais de cem milhões de brasileiros, graças à magia da televisão. E a torcida do «Mengo» passou a noite em festa. As gargalhadas ficaram mais roucas que os cantores das escolas de samba durante o tríduo do Momo. Os patrões viram os escritórios vazios na segunda-feira dois de junho e muitas mães, esposas e outros parentes, ficaram aflitos não vendo chegar em casa o seu ente querido.

Isso porque, jamais o Brasil comemorou (a não ser uma Copa do Mundo) de maneira tão eufórica, uma conquista como a do Flamengo, esta Taça de Ouro, instituída pela vez primeira pela nova Confederação Brasileira de Futebol.

Um time nota 10. Um «Mengo» de Ouro: 18 quilates.



O time do Atlético Mineiro, vice-campeão brasileiro. Perdeu o jogo, o título e... também a cabeça, terminando a decisão com três elementos expulsos

FRACASSO PAULISTA EM OURO E PRATA!



O Corinthians «massacrô» o Grêmio e perdeu modestamente para o Curitiba e empatou com o Botafogo. Na gravura o gol de Geraldo diante do representante gaúcho



Nesta partida contra a Desportiva, na Vila Belmiro, o Santos praticamente «deu o título» para o Flamengo. O clube santista não foi além de um empate sem gols. Na gravura vemos Pita em ação

Afora o ano de 1976, quando os times de São Paulo ficaram do lado de fora das finais do Campeonato Brasileiro (hoje Taça de Ouro e Prata), repetiu-se agora, em 1980, a mesma coisa. Embora tivessem iniciado a disputa do certame com doze representantes, viu apenas dois deles — Botafogo FC, da cidade de Ribeirão Preto e Associação Ferroviária de Esportes, de Araraquara — chegaram às finais da competição. Duas equipes de prestígio do interior de São Paulo, que tiveram a grande chance de conquistar a Taça de Prata. Todavia, no confronto com seus concorrentes (C. S. A. de Alagoas e Maringá, do Paraná) acabaram perdendo a grande chance de conquistar um lugar na Taça de Ouro de 1981, perdendo os jogos decisivos em seus domínios.

Foi sem qualquer sobra de dúvida, a primeira decepção para o lado de São Paulo que, para a Taça de Ouro, nas semi-finais, conseguia colocar seis de seus representantes. A forma de disputa do certame, contudo, acabou não ajudando muito os paulistas, pois na fase aguda do certame, o regulamento imposto pela CBF não permitia as partidas de «turno e retorno» que poderiam ter mudado, um pouco, o panorama final da competição. E, um a um, foram sendo derrubados os representantes do futebol de São Paulo, deixando corinthianos, palmeirenses, santistas e são-paulinos frustrados, pois acreditava-se que, pelo menos um deles, teria chance de chegar à final.

O São Paulo FC foi, sem dúvida, o que soube manter regularidade das melhores, do começo ao fim. Tinha-se como certa sua presença nas finais, pois como campeão do seu grupo, iria disputar duas partidas em casa e apenas uma fora. Todavia, foi

vítima de uma arbitragem danosa e prejudicial aos seus interesses, no encontro capaz de decidir sua classificação na contenda contra o Atlético, de Minas Gerais no Morumbi. «Amarrado» pelo árbitro carioca que dirigiu aquele encontro, o tricolor embora perdendo para o Vasco, no Rio de Janeiro e ganhando do Fluminense na derradeira peleja, ficou privado de ir para as finais em consequência daquele ponto perdido diante do «Galo», em pleno Morumbi. Sua campanha foi muito boa. Só não teve sorte. Se tivesse havido turno e retorno, por certo suas esperanças seriam melhores.

Um outro representante de São Paulo, presente ao torneio com sua melhor força e uma campanha muito boa — Corinthians Paulista — foi traído pelas jornadas ingratas de seu extraordinário e grande arqueira Jairo. A falha deste em dois gols de extrema importância para o clube, sendo um em Curitiba e outro no Maracanã, contra o Botafogo, acabaram determinando o afastamento do clube do Parque São Jorge das finais, embora tivesse «goleado», de maneira impiedosa, o Grêmio, de Porto Alegre por uma contagem que um candidato às finais não pode sofrer: 5 a 0.

Na verdade, pouco se poderia esperar do Palmeiras. O glorioso alviverde, do Parque Antártica, vem atravessando uma fase difícil em sua história. A presença de Oswaldo Brandão, com todo o seu carisma, não conseguiu mudar, do dia para a noite, a forma de jogar do alviverde que após a saída do técnico Telê Santana, parece não ter reencontrado o seu melhor futebol. A demora da direção esmeraldina em conseguir um técnico de categoria, como foi o caso de Brandão; a falta de compreensão da diretoria em repor as peças que havia tirado do time, como foram os casos de Leão e Jorge Mendonça, aliada à ausência de Jorginho convocado para a Seleção Brasileira de Júnios, tirou o equilíbrio da equipe e o alviverde foi despencando ribanceira abaixo, sem haver, na sua queda, sequer um galho para atenuar o baque. Que foi surdo e bastante triste. Pois todos sabem, perfeitamente, o que representa o Palmeiras no cenário esportivo paulista e brasileiro.

Acreditou-se bastante no Santos. Principalmente depois da sua vitoriosa estréia no certame, já na fase final, quando venceu a Ponte lá no Vila Belmiro. Abriram-se as portas da esperança ao ver um grêmio paulista nas finais, já que o Flamengo, na sua deslocção para Campinas, não foi além de um empate com a «Veterana». Todavia, o grande Santos, esbarrou na modesta Desportiva, de vitória em plena Vila Belmiro. E aquele ponto de vantagem que possuía sobre o «Mengo» já não lhe permitiu lutar por um empate na luta final contra o clube carioca lá no Maracanã.

Sabia-se antecipadamente, que dificilmente o grêmio de Vila Belmiro, em que pese o fato de alinhar esplêndidos valores em suas hoestes, teria condições de superar o poderoso onze do Flamengo, no campo deste. E a esperança de ver um time de São Paulo nas finais desvaneceu-se por completo, quando o Santos caiu vergado pelo superior e indiscutível domínio exercido pelo clube da Gávea no Maracanã.

Como Ponte Preta e Guarani, que completavam o sexteto paulista nas semi-finais, não conseguiram se classificar, não ficou um só time paulista para fazer com que a festa também contasse com um representante de São Paulo nas finais. A torcida do nosso grande Estado ficou completamente emudecida e sem ânimo, de enfrentar novamente os estádios, já que o Campeonato Paulista da atual temporada tivera o seu início.

Sabemos que existem grandes valores no futebol de São Paulo. Todavia, para cada grande clube que possuía a chance de chegar à final, existiu sempre um pequeno «porém». Quer pelo lado técnico ou pelo pronunciamento do presidente Vicente Matheus contra um valor do elenco. Fato que afetou profundamente o time na hora da decisão.

O exemplo, contudo, serviu para mostrar uma coisa aos paulistas. Teremos que nos preparar da melhor maneira possível para o próximo certame brasileiro, a fim de recuperarmos a hegemonia que vínhamos mantendo durante largos e longos anos no cenário esportivo nacional.



O Palmeiras não é mais o grande time de antigamente. Se a Portuguesa esteve mal na fase inicial da competição, nas semi-finais o Verdão esteve abaixo da crítica

PAULISTÃO: UM SONHO QUE SE



O momento de alegria do sr. Antônio Montanari, residente à avenida Tiradentes n. 233, da cidade de Presidente Venceslau, portador do carnê 86-378-A, recebendo sua Brasília, cor branca alaska. Ao seu lado juntamente com uma das «Paulicretes», Guilherme Galvão Teixeira, com o seu mini Buggy, cor preta e portador do Carnê 21-849-B, sorteado em 29.3.80



Eurício José Evangelista, portador do carnê 25-161-D, sorteado no dia 25 de maio, levou também a sua Brasília, cor verde Jandaia. Ele reside à rua Bana Félix n. 163, na capital de São Paulo. Quando a «Paulicrete» lhe entregou as chaves sorriu e disse: «Já posso ir contente para casa, graças a esse extraordinário «carnê Paulistão».



Mário Floriano de Camargo, residente à rua Félix Fagundes n. 51, na cidade de Avaré, Estado de São Paulo, teve a alegria de contar ao seu lado, duas «Paulicretes» quando recebeu, como portador do carnê 00-663-B, sorteado no dia 10 de maio último, as chaves do seu Volkswagen 1.300, cor branca. Seu sorriso diz tudo

Não se pode, de forma alguma, deixar de enaltecer o que o Carnê «Paulistão» representa para todo o povo de um Estado. Por uma razão bastante simples: ele é um sonho de muitos, que aos poucos se torna realidade, em virtude das promessas cumpridas, com a pontual entrega dos prêmios a todos os seus ganhadores. Podemos dizer, com certa ufania ter o PAULISTÃO, neste ano de 1980, superando toda e qualquer expectativa mais otimista. A sua nova direção, à testa da qual se encontra esse dinâmico Dadid Berlim, conseguiu imprimir um ritmo tão acentuado, tão dinâmico aos portadores do «carnê», não deixando ninguém desiludido, que a própria diretoria do São Paulo FC foi a primeira a reconhecer a grandeza de seus resultados.



O contentamento dos felizes ganhadores do «carnê» Paulistão está estampado na fisionomia dos ganhadores dos prêmios entregues recentemente. Vemos à esquerda o Mini-Buggy ganho por Guilherme Galvão Teixeira, portador do carnê 21-849, série B. Ao centro

TORNA REALIDADE PARA MUITOS

Na verdade, o «carnê», em ocasiões anteriores permitiu ao tricolor muita coisa. Concluir o Estádio do Morumbi, ampliar um pouco o Parque Social e outras coisas de valia para a coletividade são-paulina. Este ano, contudo, o movimento de portadores do carnê, ao invés de decrescer aumentou paulatinamente de mês para mês, pois todos começaram a sentir as grandes vantagens que o «carnê» Paulistão oferece aos seus portadores. Nas fotos que apresentamos nesta página, os leitores podem testemunhar apenas uns poucos felizardos (das centenas que foram contemplados) que conseguiram receber o seu prêmio em dia de festa. Com o Paulistão é assim mesmo. Comprou, ganhou, recebeu e o contentamento de todos (o time nem importa qual seja) é sempre o maior possível.



Evani Silveira Pupo exhibe orgulhosamente sua motocicleta, como feliz portador do carnê 32-725-A. À direita Osvaldo Melari Júnior que com o carnê 74-632-B, ganhou também o seu mini-Buggy. Todos eles saíram contentes pelos prêmios que o PAULISTÃO promete e entrega de maneira pontual

STÃO

O Maior Carnê do Mundo

O PAULISTÃO e CARROS DO 1º ANO ÃO 36 CARROES ESTE MÊS



Ao lado das «Paulicretes», Waldemar José de Almeida, residente à Avenida Santa Helena n. 288, na cidade de Turmalina, Estado de São Paulo, fica feliz com as chaves do carro que recebeu. Ganhou o seu Corcel II, cor verde primavera metálico, com o carnê 70-418-A, no sorteio levado a efeito no último dia 29 de abril



Coube a D. Anália Menezes Silveira, com o carnê 25-161-D, sorteado no dia 26 de abril, ganhar um Corcel II, cor vermelho granada, D. Anália reside à rua Kayowas n. 1260, apartamento 138, na capital bandeirante e sorrindo para a «Paulicrete» que lhe entregou as chaves brincou: agora tenho também que usar um costume vermelho quando sair com o carro.

SELEÇÃO AINDA LONGE DO IDEAL

Não se pode, com toda honestidade, criticar o técnico Telê Santana, atual responsável pela Seleção Brasileira de Futebol, pela formação do time que está sendo preparado para o «Mundialito», Eliminatórias do Mundial de 1982 e, porque não dizer, para o próprio certame a ser levado a efeito em gramados da Espanha. Primeiro, nas convocações iniciais da equipe brasileira, pela falta de um adversário à altura do poderio nacional. Para que o quadro pudesse ser testado em toda a sua plenitude. Embora a intenção do presidente da CBF, dr. Giulite Coutinho fosse das melhores, a falta de palavra de dirigentes estrangeiros, acabou interferindo nos planos para uma melhor preparação do quadro nacional.

Havia, por exemplo, o compromisso de Portugal estar presente na série de compromissos internacionais para o mês de junho. Todavia, com a mudança de presidente operada na entidade lusitana, o novo procer salientou a impossibilidade de seu País estar presente ao compromisso anteriormente assumido. Depois foi a vez da Inglaterra. Também deu uma grande mancada, obrigando a direção da CBF a solicitar, com bastante empenho, a vinda de uma equipe soviética, formada na base de elementos jovens, como aconteceu com o México. De adversário poderoso, o que cumpriu sua palavra foi apenas a Polônia. O que não representou, na verdade um teste difícil para se aquilatar as possibilidades do time dirigido por Telê Santana.



Orlando, lateral do Atlético, uma das revelações do futebol brasileiro, convocado também para a seleção dirigida por Telê Santana

Aliás, se não bastassem os contratemplos surgidos em relação aos adversários que o Brasil deveria ter pela frente e acabou não tendo, terminou Telê Santana enfrentando, em relação aos jogadores convocados, também algumas dificuldades. O «sonhado» time sempre contra si, contusões de craques. Quando não houve tempo para treinamento, os adversários não eram de categoria. A Seleção de Juniors, que foi o primeiro teste, bastante inibida perdeu-se diante dos astros, alguns dos quais os integrantes da equipe brasileira que foi a Toulon, ainda chamam de «Senhor» no campo de jogo. Depois, a partida contra a Seleção de Minas Gerais não serviu para coisa alguma, pois cotejos regionais, acirram os ânimos e provocam sempre uma reação perigosa por parte dos torcedores de um Estado, principalmente se um de seus ídolos não faz parte do elenco.

Acreditava-se, portanto, que chegado o mês de junho, como o próprio Telê Santana afirmara, ninguém teria dispensa e os valores convocados, fossem eles do campeão do Brasil, do vice ou mesmo do Internacional, único representante do Brasil na Taça «Libertadores da América», seriam convocados. De qualquer maneira.

Todavia, na hora da «verificação dos fatos», o sr. Márcio Braga, presidente do Flamengo, conseguiu junto ao presidente da CBF, dr. Giulite Coutinho, para os amistosos sustentados pelo Flamengo no Exterior, a cessão dos atletas do campeão brasileiro.

Assim, sem Zico, sem Júnior, mas contando com Falcão, Batista, do Inter, pôde o sr. Telê Santana formar a equipe que enfrentou o México. Assim mesmo, ressentindo-se da ausência de valores que haviam se contundido na luta final pelo título brasileiro, como foi o caso de Luizinho excelente zagueiro do Atlético Mineiro, cujo primeiro teste na Seleção Brasileira tinha sido excepcional. Ou do lateral Orlando!

Um jogador, aliás, cujas qualidades lembram muito as de Orlando Peçanha, na seleção que o falecido Vicente Feola montou para ir buscar o «caneco» em gramados da Suécia. Luizinho possui as mesmas características de Orlando. Jogador sério, aplicado. Pode não aparecer muito para o grande público. Todavia, para a equipe é de utilidade impressionante. Diferente no comportamento de Édinho. Este é um atleta que gosta de aparecer para o público. Procura investir deixando atrás de si um corredor onde um ataque perigoso e insinuante pode provocar profundo «estrágos». Luizinho atem-se mais ao jogo defensivo. Cobre bem a zaga em todos os sentidos e sua maneira de agir deu ao técnico Telê Santana, uma confiança na zaga, pois com dois laterais do tipo Júnior e Nelinho e um «miolo» de área com Luizinho e Amaral, a reta-guarda tendo à sua frente um zeloso Batista, é difícil de ser batida.



Pedrinho está sendo mantido nas convocações e Telê acredita em seu futebol

Viu-se portanto, parte dos planos de Telê Santana ruírem por água abaixo. Primeiro pela falta de adversários do quilate da Inglaterra e Portugal que haviam assegurado suas presenças e depois acabaram não confirmando. Segundo pelo fato de México e URSS não terem mandado suas maiores forças, preferindo mandar os jovens, ainda sem a necessária categoria internacional. Finalmente, pelo fato de não ter podido contar com os valores imprescindíveis à equipe nacional.

De qualquer forma, no entanto, os testes vale-

ram pelo sentido de ver-se que o Brasil está caminhando no bom sentido. Qual seja o de reatar os compromissos internacionais coisa que o ex-presidente da «falecida CBD» não se preocupou, pois Heleno Nunes entendia que «sendo os brasileiros, os maiores do Mundo, não precisavam medir forças com ninguém».

Justamente por causa dessa maneira de pensar e agir foi que levamos a pior no Mundial da Argentina, perdemos a Copa América, de maneira bisonha e não temos, ainda, muita convicção daquilo que poderemos fazer no «Mundialito», se as coisas continuarem do jeito que estão. Não, e isto precisa ficar bem claro, pela falta de preocupação do presidente Giulite Coutinho. Mas, pura e simplesmente porque alguns clubes pensam primeiro no prestígio de suas agremiações e, depois, no do futebol brasileiro que tem a necessidade de se reabilitar perante os olhos do mundo. Corrigindo-se estes senões, poderemos sem dúvida fazer uma boa figura no Mundialito e nas Eliminatórias. Mas, se eles persistirem...



Zé Sérgio vai ter que lutar muito com — Éder — para ganhar a posição de ponta esquerda da equipe brasileira



Falcão, Socrates e Amaral peças importantes do time brasileiro

Arbitragem: Problema difícil

Um dos graves problemas do futebol brasileiro (ele chega a ser também mundial) é sem dúvida alguma, o da arbitragem. Com uma grande diferença, contudo, entre a América do Sul e a Europa. Lá, embora os apitadores cometam igualmente terríveis enganos, eles são levados à conta de «enganos». Não existem provocações de jogadores contra os árbitros e suas decisões,



Romualdo Arppi Filho, nas finais, no primeiro jogo levado a efeito no «Mineirão» uma arbitragem «política». Não deu os cartões que deveria ter dado. Principalmente para o zagueiro Rondinelli que merecia até mesmo a expulsão de campo

embora absurdamente erradas e danosas a alguns clubes, algumas delas são contestadas veladamente, descaradamente como ocorre por aqui. Lá fora não existe «árbitro profissional». Todos os apitadores que funcionam em partidas internacionais, ou em gramados da Itália, Portugal, Espanha, Alemanha, Inglaterra, para não se falar nos que apitam nos países da «Cortina de Ferro», são cidadãos com empregos de categoria. Com muito sacrifício eles conseguem licença em seus empregos para poderem se transportar de um ponto para outro, a fim de apitar os cotejos mais importantes e decisivos. Quando se trata de uma competição, como a Copa das Nações, ou Taça do Mundo, os elementos escalados para dirigir os cotejos, pedem com muita antecedência um período de férias ou licença em seus serviços.

Sua conduta é apreciada de maneira suscinta durante uma partida de futebol e o resumo de um crítico sobre o trabalho de um árbitro é singelo em todos os sentidos. Assim, em torno da conduta de um apitador, qualquer que ele seja, a apreciação feita sobre o seu trabalho é escrita desta forma: «Dirigiu o encontro Mr. Balliot. Esteve bem. Ou, se isso não aconteceu diz: «Esteve mal» (ou conduta regular). Nada mais do que isto.

Em contraposição, em todo continente sul-americano a figura do árbitro é olhada de maneira acintosa. Tenta-se, inicialmente, conquistar a sua simpatia para «obter os favores de, pelo menos uma arbitragem correta». Em algumas cidades do interior, seja de São Paulo, de Minas, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, da Bahia, de Pernambuco, ou qualquer parte do continente, há sempre uma autoridade policial, protegida por um contingente de alguns homens, que antes do jogo chega-se ao árbitro e diz: «Pode apitar direito que aqui estamos para garantir sua figura. Mas... cuidado para não errar contra o time da casa»...

Depois de um exemplo desta ordem, acreditamos não ser necessário dizer mais nada em torno do ambiente que cerca um apitador de futebol que, no Brasil, está procurando a sua profissionalização, inclusive com a formação de um Sindicato. Neste sentido em São Paulo, há duas facções lutando por esse direito.

O que vimos, contudo, nos dois encontro finais da Taça de Ouro, servem para demonstrar, de maneira clara as deficiências dos nossos apitadores. Todos sabem, por exemplo, quanto é penoso e difícil para um árbitro alcançar o estrelato. Ele tem que correr campos de varzea, do interior; ser perseguido em algumas cidades; auxiliar na «bandeira» para depois, aparecer então como dirigente de uma final do Campeonato Brasileiro.

Em se tratando de uma decisão entre Cariocas e Mineiros, a escolha para a direção dos jogos finais acabou recaindo sobre os ombros de dois paulistas (Romualdo Arppi Filho e José Assis de Aragão) e de um gaúcho (Carlos Martins Rosa). No primeiro encontro, em Belo Horizonte, embora o apitador Romualdo Arppi Filho nenhuma influência tivesse tido no resultado numérico do encontro ou tenha tido conta si decisões duvidias, podemos dizer que sua arbitragem «foi política». Sabia (como não podia deixar de acontecer) que alguns jogadores de Flamengo e Atlético Mineiro, estavam «pendurados» com dois cartões amarelos. Sua preocupação, além de dirigir o encontro com lisura e imparcialidade, foi — sem dúvida alguma — a de evitar de dar algum cartão para jogador que tivesse «dois». Isso porque um terceiro amarelo alijaria do encontro decisivo o atleta punido. Uma atitude desta ordem por parte do sr. Romualdo Arppi Filho, seria um verdadeiro Deus nos acuda. E pelo menos um atleta do Flamengo, que por sinal acabou ficando fora das finais, merecia não só um cartão amarelo, como também o vermelho, pela maneira como o atleta Rondinelli, procurou atingir, firme e intencionalmente, o avante Reinaldo, do «Galo».

Romualdo fez vistas grossas e as coisas terminaram somente em xingações e promessas de revide no Maracanã. Para este encontro final, o sr. Romualdo Arppi Filho não entraria no «sorteio» para a escolha do árbitro. Se o trio de apitadores era o mesmo, somente os srs. Aragão e Carlos Rosa, poderiam merecer a escolha. Esta recaiu no paulista Assis Aragão. Um árbitro, que fora do campo tem uma profissão excelente (corretor de bolsa) e que faz do referato um «hobby». Todavia, prepotente por natureza. Aveso aos atletas que lhe olham de frente. Daí a certeza de um trabalho «perturbador» quando ele foi escolhido para a decisão da Taça de Ouro.

Sua predisposição contra o Atlético Mineiro foi nítida e visível. Quando Tita deu a primeira entrada maldosa num jogador do «Galo», o árbitro pura e simplesmente levantou o cartão amarelo para Tita. No instante, porém, em que exibiu um «amarelo» para um atleta do Atlético, fê-lo acintosamente, procurando um revide para dar um vermelho em seguida. Possesso, fora de si, no instante da expulsão de Reinaldo, um, atleta que só estava fazendo número em campo e que foi reclamar contra o erro do bandeira Carlos Rosa em hipotético impedimento de Palhinha, o sr. José Assis de Aragão perdeu-se por completo, mostrando — pelo menos para os neutros e os que conhecem arbitragem — que sua preocupação, bastante visível, era a de dar o título ao Flamengo, embora este não necessitasse da sua ajuda.



José Assis Aragão, cantou de «Galo» no poleiro do Maracanã, ofendendo os atletas do Atlético Mineiro, com uma arbitragem ruínosa para a agremiação das Alterosas



AGORA TAMBÉM É UM ARTISTA

PASSOU A ENSINAR GAROTOS A JOGAR BOLA



Uma cena do filme «Os Trombadinhas» que Pelé tomou parte e onde ele aparece ensinando os garotos a sair do mau caminho e a jogar bola

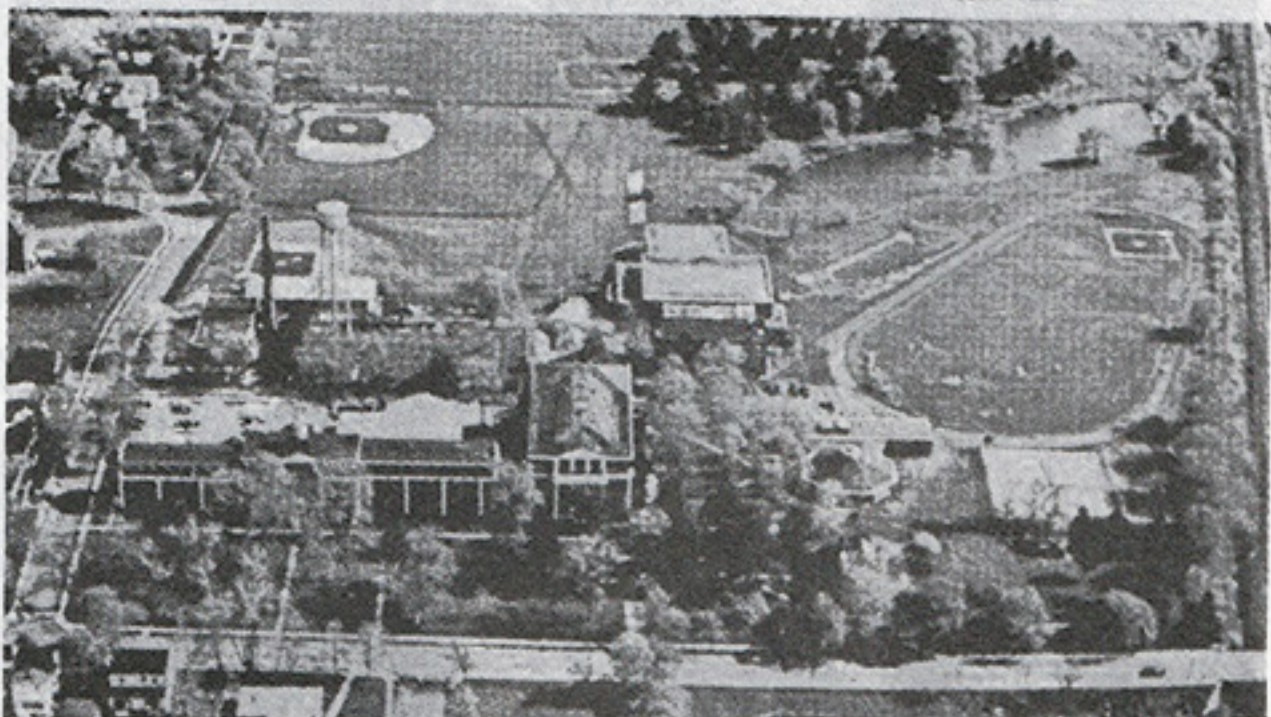
Quando o Cosmos, decidiu investir uma enorme soma para a conquista do extraordinário futebolista Edson Arantes do Nascimento que, em nosso país já havia dependurado as chuteiras, entenderam os dirigentes norte-americanos que não estavam apenas

promovendo o futebol daquele país. Estavam investindo no próprio futuro, pois com o carisma do «Rei» do futebol, aliado à sua imensa popularidade em todo o globo, poderia vir a ser a figura indicada para levantar esse esporte naquele país, despertando, inclusive o entusiasmo dos jovens.

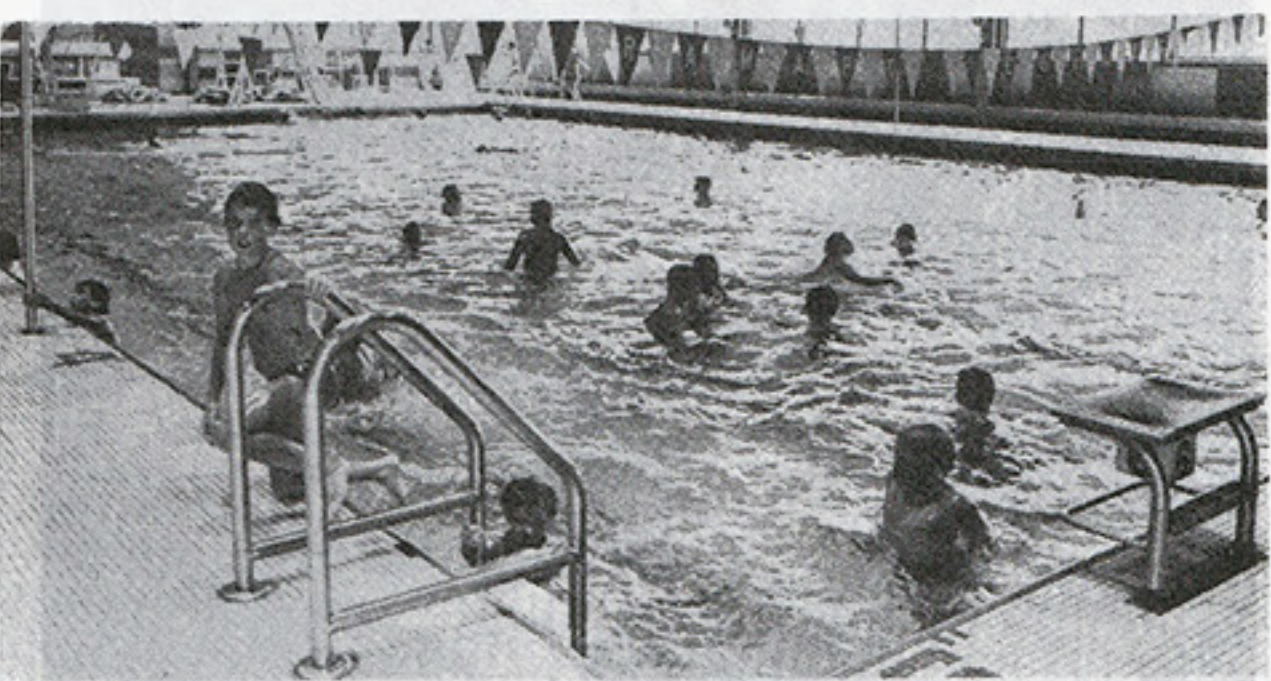
Assim mesmo, após haver encerrado sua carreira lá nos Estados Unidos, apenas prometendo participar de alguns encontros em homenagem, a ídolos que se aposentam, Edson Arantes do Nascimento passou a ser um «relações públicas» do Cosmos. Tarefa esta que desempenha com uma outra incumbência dada pela Werner Communications, com a criação do «Pelé Soccer Camps». Cujas finalidades é ensinar o futebol às crianças nos períodos de férias escolares. E, nos «States» o pébol tanto é ensinado para meninos como para meninas, sendo, nos dias de hoje, matéria obrigatória em todas as Faculdades. Daí o interesse que o futebol está despertando em todo aquele imenso País.



Eis um flagrante de Pelé ensinando os garotos norte-americanos, durante um período de férias que a Warner acabou proporcionando, com a criação de uma outra instituição: «Pelé Soccer Camps».



Com estas magníficas instalações que são vistas ao alto, a Warner Communications, coloca à disposição dos garotos que se inscrevem para o período de férias, para participar dos treinamentos de futebol que são levados a efeito sob a orientação de Pelé e outros grandes craques do futebol mundial, que integram o time do Cosmos



Os garotos que participam dos treinos de futebol no «Pelé Soccer Camps» gozam de todos os privilégios possíveis e imagináveis. A gravura ilustra melhor que palavras

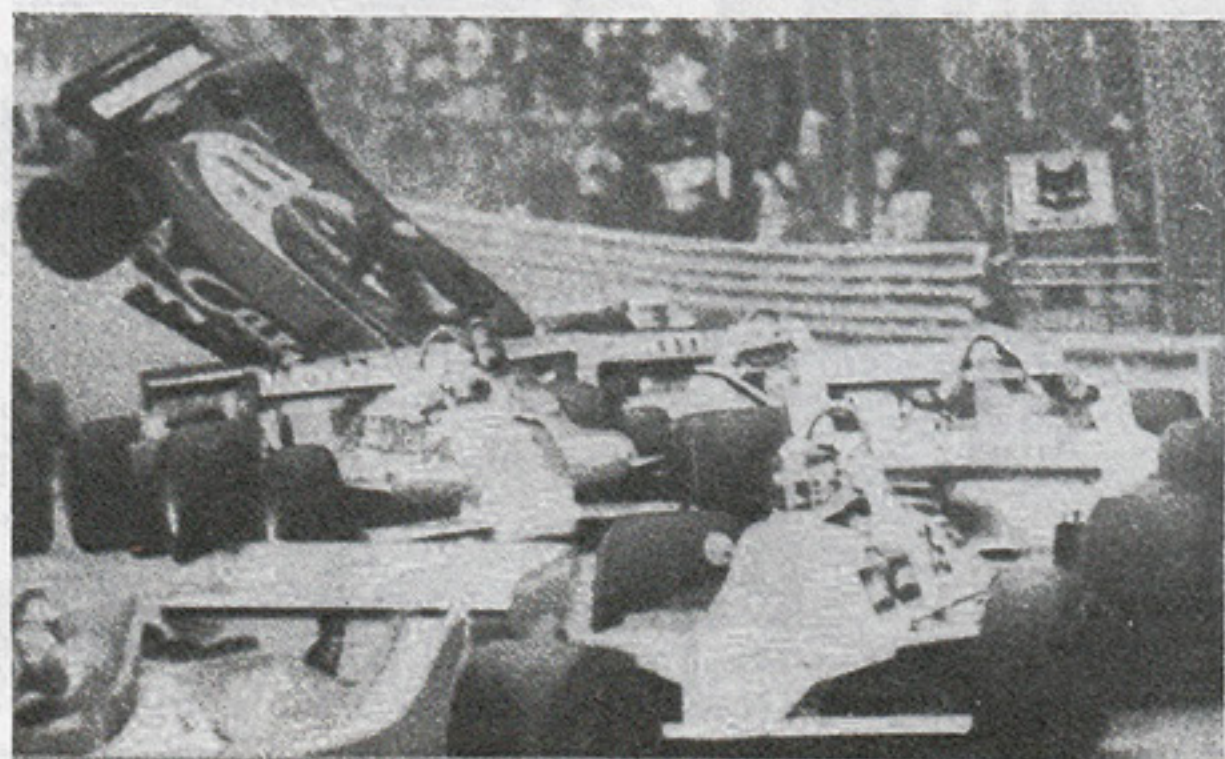
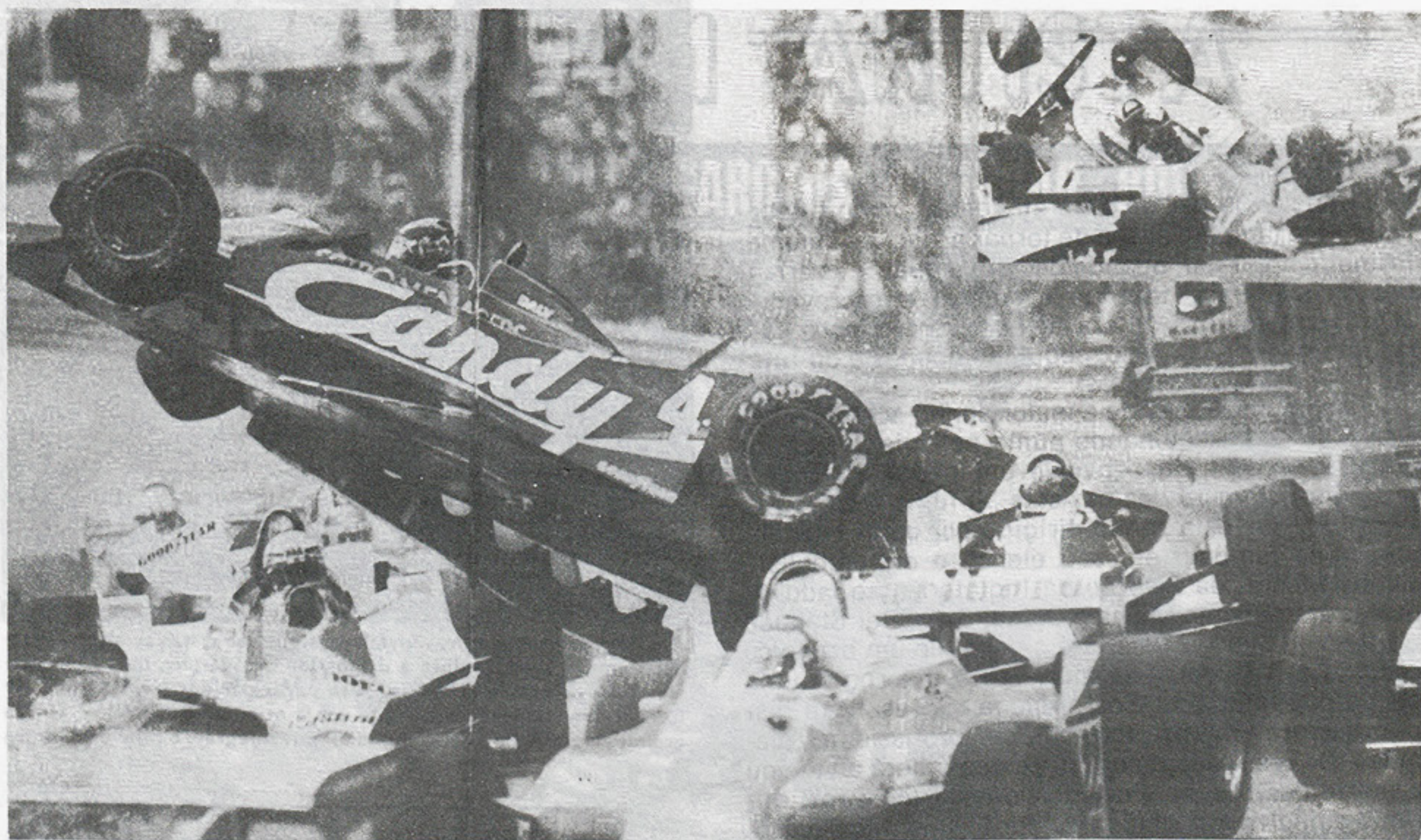
Todavia, a par de suas atividades como futebolista, Pelé também acaba de tornar artista de cinema. Primeiro no Brasil, quando decidiu amparar as crianças do seu País, fazendo o roteiro e escrevendo «Os Trombadinhas». Para evitar que a criança caia sempre no pior caminho, seguindo apenas o do futebol que ensina boas coisas.

Agora o seu grande e maior sonho acaba de ser realizado está trabalhando numa película produzida em Hollywood e que envolve um piloto de guerra que cai prisioneiro dos nazistas. O filme «Escape to victory», que está sendo dirigido por John Huston, apresenta também em seu elenco o ex-futebolista Bobby Moore, da Seleção da Inglaterra, ao lado de outros astros como Michael Caine, Sylvester Stallone e Max Von Sydow. Pelé fará o papel de um britânico oriundo de Trinidad e a história gira em torno de uma partida de futebol que os prisioneiros resolvem disputar contra um onze formado por profissionais alemães. Do resultado do encontro dependerá a vida ou a morte dos presos. Por coincidência (ou não), durante a guerra, na União Soviética, houve um episódio semelhante, narrado pelo escritor soviético dissidente (já falecido) Abatoly Kusnetzov, em seu famoso livro «Baby Yar». Agora, acreditamos, o destacado «ás» do futebol e astro de cinema, está realizado.



Numa recente enquete feita pela revista francesa, ONZE, quando foram ouvidas quase quatro mil pessoas, acabaram os leitores da mesma apontando os cinco maiores jogadores do mundo, em todos os tempos. Os valores mais escolhidos foram: Pelé, Platini (França), Kevin Keegan (Inglaterra), Rep (Holanda) e Raymond Kopa (França) que são vistos no flagrante acima

RA TAMBÉM



Poucas vezes um fotógrafo consegue um flagrante tão espetacular e sensacional, como este que apresentamos ao alto, quando do «Grand Prix» de Mônaco. À primeira vista, diante do bolido no ar saltando sobre os demais competidores, a platéia e telespectadores do mundo inteiro que estavam presenciando o acontecimento, imaginaram que o pior estaria acontecendo. Não só com a morte de um ou mais pilotos, como também, de alguns expectadores que estavam próximos ao local. Felizmente, porém, houve apenas o impacto e uma forte emoção, pois nada de grave veio a ocorrer. Os flagrantes documentam a grande tragédia que, felizmente, não apresentou nenhuma vítima.

DIVERSÃO

UMA PAGINA DE DON OSCAR

A LUTA DO SÉCULO

A mais dramática luta do box profissional, foi travada no dia 14 de setembro de 1923, em Nova York entre Jack Dempsey e o argentino Luiz Angel Firpo. A luta era válida pelo título mundial de todos os pesos e Firpo era o desafiante. Dempsey fez cair o argentino várias vezes no primeiro round, mas Firpo sempre se recuperava e tirou a desforra fazendo voar o norte-americano fora do ringue com uma espantosa direita. Dempsey conseguiu voltar ao tablado antes dos 10 segundos regulamentares, ajudado por vários jornalistas, o que era contra as regras. O juiz não puniu a infração e Dempsey venceu a luta no segundo round. A luta foi assistida por 90.000 espectadores, proporcionando naquela época uma renda de mais de um milhão de dólares!



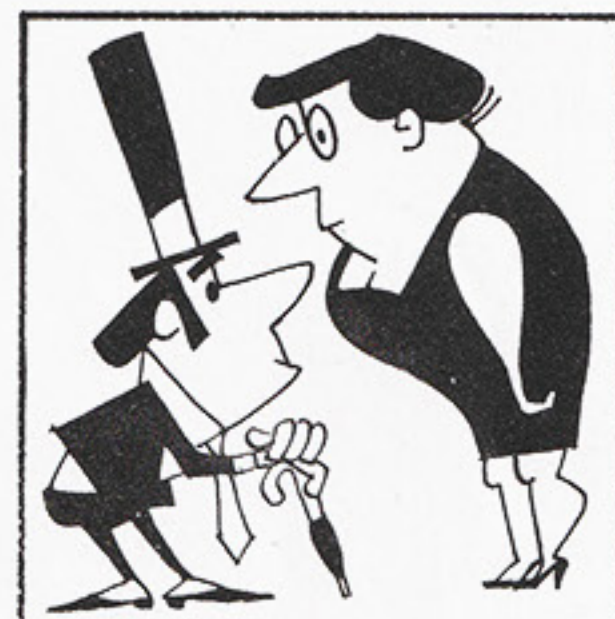
— Já alguma vez viu um grupo de mulheres completamente silenciosas?
 — Já, uma vez que perguntei qual delas era a mais velha.

ADÁGIO

Quem quiser viver seguro, há de ser MUDO, CEGO e SURDO

DEFINIÇÕES

Sexo masculino: Homem.
 Sexo feminino: Mulher. Neutro: cadáver.
 O plural de monóculo é binóculo.
 Uma hora é exatamente o tempo que demora uma mulher para vestir-se em cinco minutos.



— Minha mulher me deixou faz dois meses.
 — E como pode viver sem ela?
 — Muito mais barato.

O JOGO DAS SETE DIFERENÇAS



**THE
1980
SESSIONS
FOR BOYS & GIRLS
AGES 8-16**



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ